

# A tua roca

Quando te vejo à noitinha  
Nessa cadeira sentada,  
Xaile cruzado no peito,  
Na cinta a roca enfeitada;

Os olhos postos na estriga,  
Volvendo o fuso nos dedos,  
Os lábios contando ao fio  
Da tua boca os segredos;

Eu digo, sem que tu oiças,  
Pondo os olhos na tua roca:  
Se eu um dia fosse estriga,  
Beijaria aquela boca!

Que eu nunca te vi fiando  
Sem invejar os desvelos  
Com que desfias do linho  
Os brancos, finos cabelos!

E aquela fita de seda  
Com que enleias o fiado,  
Irmã do lacinho verde  
Que trazes no penteado?

Parece aquilo um abraço  
De um amor que é todo nosso,  
A trança do teu cabelo  
Em volta do meu pescoço!

É por isso que eu murmuro  
Vendo a fita que se enreda:  
Quem me dera ser estriga,  
E ela a fitinha de seda!

Eu já não sei o que sinto,  
Se tristeza, se ventura,  
Mal que suspendes a roca  
Da tua breve cintura!

Penso que fias nos dedos  
Os dias da minha vida,  
Ao pé de ti sempre curta,  
Ao longe sempre comprida!

Pareces-me um ramalhete  
Sentada nessa cadeira,  
E a fita da tua roca  
A silva de uma roseira!

Meu amor, quando acabares  
De espiar a tua estriga,  
Se ouvires por alta noite  
Soluçar uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me  
Da tua divina boca,  
E penso que em mim são dados  
Os beijos que dás na roca!